

O QUE HÁ DE POESIA EM *ESCRITA*

Nilcéia Valdati¹



Com o ideal de lançar-se contra a enxurrada de informações que chega através de outros meios de comunicação surge, em São Paulo, no ano de 1975, *Escrita*, dirigida por Wladyr Nader. Autodenominado “alternativo”, o periódico veicula, até 1988, um total de 39 números, em cuja trajetória se observam várias mudanças, seja na periodicidade ou no formato e até mesmo na editora responsável.

Em linhas gerais, *Escrita* circula em três grandes fases, estabelecidas pelos seus desaparecimentos e retornos: a primeira corresponde aos dois primeiros anos, de 1975 a 1977, a segunda, de 1979 a 1983, e a terceira de 1986 a 1988, com apenas seis números.

Gostaria de iniciar este texto com uma questão: Que espaço ocupa a poesia dentro desta revista? Em quantidade inferior às ficções², a poesia aparece de forma diversificada, isto é, circulam poetas consagrados, desconhecidos e estreantes, também chamados “novos”. No primeiro número, aparecem poemas de Domingos Caldas Barbosa, Mário Pederneiras e Gregório de Matos, poetas já reconhecidos pela crítica. No número dois, não há nenhum poema publicado, mas dois textos que abordam a poesia: uma entrevista com o crítico Antonio Candido, na qual afirma que todos estamos condenados à vanguarda, e um ensaio de Assis Brasil, com título sugestivo, “O que há de novo na poesia brasileira”, que enfatiza: dentro da nova perspectiva da poesia brasileira há espaço para todos. A nova poesia, no entender de Assis Brasil, constitui-se pela aceitação de uma variabilidade de poetas, tanto os ligados a movimentos radicais quanto os empenhados em construir a tradição do novo.

¹ Bolsista mestrado — CAPES.

² Segundo os dados estatísticos, enquanto a ficção ocupa 24,2% das publicações em *Escrita*, a poesia vem em seguida ocupando um espaço de 20,5%.

A partir do número três, *Escrita* cria uma seção chamada “Novos: Poemas”, sendo que os escritores são, geralmente, estudantes universitários da área de Letras ou Comunicação, apresentados por notas que antecedem as publicações. Os poemas publicados passam por concurso e seleção, com divulgação na revista de todos os participantes, vencedores, desclassificados e não-selecionados. Abrindo um parêntese, é bom lembrar que os concursos em *Escrita* talvez sejam a única coisa que permanece do início ao final da revista, prática constante visando a descoberta de novos talentos. Existem concursos de conto, poesia e ensaio com diversas premiações, e ainda há os concursos de poesia falada, realizados na própria sede da livraria *Escrita*.

A lista de mais de 60 poetas pertencentes à seção “Novos” é longa, por isso seria cansativo citá-los, mas mencionarei alguns, a título de exemplo, para demonstrar que, se alguns dos “novos talentos” descobertos ficaram perdidos naquelas páginas, onde todos pareciam poder ser poetas, outros, em número bem menor, continuaram publicando e se destacaram no cenário literário da década de 70. Quem lembra ou já ouviu falar de Ailton Santos, Lalo Arias? Mas talvez não estranhe tanto nomes como os de Luís Fernando Emediato, Domingos Pellegrini, Flávio Moreira da Costa, J. B. Sayeg, Paulo Leminski, Angela Melim e Roberto Piva.

Do número treze em diante desaparece a rubrica da seção “Novos”, mas a revista continua a publicar poetas considerados estreantes. Entre os novos entram poetas que estão começando a publicar, dos quais cito alguns: Lindolf Bell, Alice Ruiz, Ana E. Simões, Glaci Gotardello, Aloísio de Carvalho ou Lulu Parola, Carlos de Laet, Virgílio A. C. Matos; e os vencedores dos concursos promovidos pela revista: Marcos de Carvalho, I Concurso *Escrita* de Literatura, julgado por Affonso Romano de Santana, Florivaldo Menezes, Mário Chamie, Wladyr Nader, Y. Fujyama e Aristides Klafke; Cesar Marrano Piovani, II Concurso *Escrita* de Literatura, julgado por Silviano Santiago, Marcos de Carvalho, Wladyr Nader; Cesar Marrano Piovani, III Concurso de Literatura (única categoria que teve vencedores), julgado por J. B. Sayeg, Hamilton Trevisan e Wladyr Nader.

Além desse espaço da revista, reservado aos “novos” poetas, há o espaço dedicado aos já consagrados, sendo que estão incluídos aí as traduções, que aumentam substancialmente a quantidade a partir da segunda fase de *Escrita*.³ Assim, é nesse

³ Na primeira fase de *Escrita*, até o número 27, dentre os poemas publicados 5,6% são traduções, percentual que aumenta para 30,33% na segunda e terceira fases, do número 28 ao 39.

espaço que aparecem, dividindo a mesma página, Affonso Romano de Sant'Anna e Carlos Nejar, no terceiro número. Já no número seguinte, figuram Adélia Prado, Olga Savary, Renata Pallottini, cujos poemas são publicados em conjunto, acompanhados da seguinte nota:

A paulista Renata Pallotini, autora de vários livros de poemas e peças de teatro, lançou recentemente sua primeira obra de ficção, *Mate é a cor da viuvez*. Olga Savary, do Rio de Janeiro, ganhou o prêmio Jabuti de 1971 por *Espelho Provisório*. No mesmo ano saem *Altaonda* e *Linda d'água*, também livros de poemas. Adélia Prado, de Divinópolis, Minas Gerais, ainda é inédita em livro mas tem publicado trabalhos esparsos em jornais e revistas.⁴

Adélia volta a publicar no número oito, ano em que lança *Bagagem*, livro que, por sinal, também é resenhado em *Escrita*. Nesta oitava edição da revista, Adélia divide o espaço com outra mineira, Henriqueta Lisboa. Segundo a revista, estão unidas pela mineiridade. Lembro aqui que esta informação, a procedência do poeta, costuma constar sempre nas notas de apresentação.

Ainda publicam, no espaço reservado aos consagrados, nos números que se seguem, Mário Chamie, com três poemas do livro *Configurações*, de 1956; no número onze, totalmente dedicado ao negro, aparecem poemas de Solano Trindade e Cruz e Sousa; Silviano Santiago com fragmentos de “Crescendo durante a guerra numa província ultramarina”; Affonso Romano de Sant'Anna e Paulo Leminski.

Dentre as traduções foram publicados poemas chineses de Wu Ssu-tao, Kung Fu Tsé, Tu Fu, Sun Tong- Pô, Chang Wu Kian, Litaipo, traduzidos por Lêdo Ivo e Hugo de Castro. Juan Gelman, poeta espanhol, é traduzido e apresentado por Eric Nepomuceno; publicam-se poemas de Sylvia Plath, Lawrence Ferlinghetti, Allen Ginsberg, Robert Bringhurst, Denise Levertov e Le Roy Jones, pertencentes a *Quingumbo — nova poesia Norte-Americana*, antologia organizada por Kerry Shawn Keys a partir da produção da geração Beat, traduzidos por Leonardo Fróes, Juju Campbell, Ana Cândida Perez, Ana Cristina Cesar, José Carlos Limeira Marinho Santos, Ary Gonzalez Galvão, Jane Arduino Perticarati. Constam ainda poemas traduzidos de Safo e de Mando Aravandinov, ambos traduzidos por José Paulo Paes; de Bladimir Zamora, Aramis

⁴ *Escrita*, n. 4, 1976, p. 12.

Quintero, Abel G. Díaz, Victor Rodríguez Nuñez, poetas cubanos, vertidos ao português por Eric Nepomuceno.

Nos últimos números estão na revista T. S. Eliot, com “Manual de gatos do velho Possum”, tradução de J. B. Sayeg; Samuel Beckett, apresentado como poeta bissexto, é traduzido por Luiz Roberto Benati; e Paul Éluard, por Lenilde Freitas, numa publicação bilíngüe.

Sobre as dezenas de livros de poesia resenhados aparecem *Apenas sensibilidade e Noite afora*, de Renata Pallottini, *Poesia sobre poesia*, de Affonso Romano de Sant’Anna, *O olho insano*, de Luciene Sâmor, *Feira livre*, de Nei Leandro de Castro, *A região dos mitos*, de Celso Japiassu, *Antologia de novos poetas do novo RJ*, organizada por César de Araújo e Walmir Ayala, *O remo mágico*, de João de Jesus Paes Loureiro, *26 poetas, hoje*, de Heloisa Buarque de Hollanda, *No ritmo dessa festa*, de Bruna Lombardi, *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, *As sombras luminosas*, de Ruy Espinheira Filho, vencedor do concurso de Poesia Cruz e Sousa, e *Questões de berço*, de Réca Poletti.

Gostaria de enfatizar que, ao invés de textos críticos, o que predomina nas entrevistas publicadas em *Escrita* é uma abordagem superficial e pessoal. Como exemplos, cito as entrevistas com Nérida Piñon e Carlos Nejar, este último tratando dos caminhos da poesia brasileira, e o depoimento de Caio Fernando Abreu, falando de como é ser marginal. São entrevistadas ainda Adélia Prado e Lucienne Sâmor. No número 19, merecendo chamada de capa, estão os denominados marginais, como Guilherme Mandaro, Adauto de Souza Santos, Ronaldo Santos, Bernardo Vilhena, Chacal, Xico Chaves e Charles, que, entre outras coisas, mostram como é que se constrói a poesia por “vias transversas”. Num dos depoimentos, lê-se:

Meu nome é Bernardo Vilhena, tenho 27 anos e um livro publicado, *Rapto da vida*. Saiu em 75 pelas edições Mirabolantes, que é uma edição que não existe, é tudo mentira. Escrevo desde a adolescência mas havia então aquele negócio de maturidade do texto. Essa maturidade me foi despertada pelo Chacal, em conversas, encontros, apesar de ser mais novo do que eu. Aí descobri a maturidade dentro da própria idade.

Em 69 fiz uma revista de sacanagem chamada Pomba, que por vários problemas acabou. Mais tarde fiz uma outra chamada Malasartes, em 75 e 76. Ela parou não por motivos financeiros, é bom que se diga, mas por motivos quase editoriais, de conflito editorial: idéias, ideologias e idiotices. Basicamente é isso. No mais, carnaval.⁵

⁵ VILHENA, Bernardo. *Escrita*, n. 19, 1977, p. 4.

Num outro tom, talvez mais comportado, Reinoldo Atem, integrante da Cooperativa de Escritores do Paraná, afirma que a maior responsabilidade pelo afastamento do público em relação à poesia é dos poetas, porque omitiram-se de uma contribuição mais efetiva à vida das pessoas.⁶

A entrada dos concretos em *Escrita* se dá por várias inserções, seja pelos mestres e seus discípulos, como no caso de Décio Pignatari ao publicar “A metalinguagem da arte”, seja pelos constantes ataques de seus inimigos, dos quais cito Affonso Romano de Sant’Anna, em “Uma poesia que cresce apesar das vanguardas ou o lixo do quintal na sala de visita”, que dedica boa parte da entrevista em criticar os concretos. Mas o texto que consegue criar mais polêmica é o de Mário Chamie, “O percurso em marcha à ré maior”, sobre *Xadrez de estrelas*, de Haroldo de Campos, colocando em xeque o Concretismo. Esse texto polêmico tem seus desdobramentos na revista, com Paulo Leminski e Boris Schnaidermann.

São publicados ainda depoimentos de Roberto Piva, num tom excêntrico, intitulado “Eu Roberto Piva animal de rapina”; de J. B. Sayeg, com “Poesia/ antipoesia/ poesia”; e dos professores Albana Xavier Nogueira e Waldomiro Vallezi, com “A voz solitária de Mato Grosso”, uma análise da obra de Manoel de Barros. No número 35, Hector Benoit, professor da USP, analisa a obra de dois poetas malditos do século passado, Rimbaud e Lautréamont, a partir da frase de Trotsky: “Nossa época é uma época de uma nova cultura”.

No número trinta há um pequeno texto de Leila Miccolis, intitulado “Rio — visão do aqui agora”, que diz o seguinte:

a festa acabou/ a luz apagou./ o povo sumiu./ a noite esfriou./ E agora, José?”
Depois de Brasília, da descentralização cultural, do acirramento da censura, do boom da literatura brasileira eclodindo nanicos por toda parte, como ficou o Rio? Esvaziado das tendências momentâneas que a nada levaram? Terá entrado num “retrocesso-cultural”?⁷

É verdade que a poesia ficou mal vista depois da enxurrada de péssimas produções (qualquer pretexto servia para um versinho), adaptadas a todo um sistema alienado, onde o papel da arte era simplesmente o de diversão e não de manifestação sócio-política, e onde o elitismo cultural funcionava como agente castrador do novo.

⁶ ATEM, Reinoldo. *Escrita*, n. 19, 1977, p. 34-35.

⁷ MICCOLIS, Leila. *Escrita*, n.30, 1980, p. 89-90.

Mas, em nossa década, acrescenta Leila Mícolis, a poesia já mudou muito daquela considerada clássica, multiplicando suas opções, multifacetando seus ângulos.⁸

A referência que Leila faz ao poema “José” pode ser relacionada a um outro dado: o escritor mais citado na revista é justamente Drummond⁹. Se Leila Mícolis apresenta o impasse no início dos 80, *Escrita* prefere reduzir o problema à falta de espaço no mercado. A revista nunca revela quais são seus critérios de valor para o julgamento das obras, mas busca nos “novos talentos” a alternativa, já anunciada na pauta do primeiro número: “nossas portas estão abertas para todos, principalmente aqueles que recusam a perspectiva de uma vida inteira de livros guardados na gaveta”.

10

⁸ Idem, *Ibidem*.

⁹ Carlos Drummond de Andrade é o autor mais citado dentre todos os artigos da revista, seguido de Ignácio de Loyola Brandão, Jorge Amado, Machado de Assis, Jorge Luis Borges e João Antônio.

¹⁰ NADER, Wladyr. *Escrita*, n. 1, 1975, p. 2.